

16873 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

Processos de Patologização e Medicalização da Vida: O que pode a educação, a arte e a saúde?

Elisandro Rodrigues - PPGEDU/UFRGS

Daniele Noal Gai - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Este texto é um breve ensaio teórico que apresenta uma problematização acerca dos processos de patologização e medicalização da vida a partir da pergunta sobre como educação, arte e saúde, em articulação, potencializam uma vida (ou cada uma das vidas). Na vida de Arthur Bispo do Rosário a arte e a loucura são apresentadas em suas potências, assim como servem para localizar a política nacional de saúde mental, em uma perspectiva antimanicomial. Fala-se de medicalização, de patologização, de farmacologização, de despotencialização de uma vida (ou de cada uma das vidas). Essas imagens de representação de mundo indicam, em seus fragmentos, a ideia da captura de existências, como um dispositivo que se legitimou como fenômeno coletivo, uma biopolítica.

Palavras-chave: políticas de inclusão; arte e loucura; medicalização da vida

Sugere-se que imaginem: um homem bravo, um homem violento, inquieto, que não se enquadra na suposta normalidade. Um homem louco, esquizofrênico. Agora imaginem esse homem com uma agulha. Com uma agulha e um fio azul a bordar mantos, estandartes, construir barcos, navios, a recolher o gesto do que resta de uma humanidade em um hospital psiquiátrico. Seguramos esse fio que tece nossas vidas se equilibrando nas questões, por vezes as mesmas, que são mais do que questões de pesquisa, são questões que dialogam com o nosso trabalho cotidiano enquanto professores em sala de aula (escolar ou universitária), ou trabalhadores de saúde em um espaço de cuidado antimanicomial.

Pode-se falar sobre Hercia, uma menina que não para em seu lugar, que não consegue se concentrar para ler ou escrever, que agita a turma e se agita, mas que adora cantar. Pode-se falar de Pedro que com oito anos não sabia ler e nem escrever e quando solicitado a escrita desenhava bolinhas e contava e imaginava histórias a todo momento, tendo uma habilidade extraordinária para o desenho; ou quem sabe de um homem adulto que leva o nome de uma flor e vem a um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) com questões tão singelas, mas que o preocupavam e que com poucas sessões de escuta deu-se por resolvido seu problema. Ou quem sabe de Terezinha que queria contar sua vida em filme e após seu pedido ser acolhido, tem um documentário sobre sua vida filmado, que tem por nome Quatro Reais, e ao ser perguntada do por que do nome do documentário dizia que era sobre as coisas da vida, expressão dita por ela para se referir das dificuldades sociais enfrentadas e superadas.

Terezinha, usuária crônica de um CAPS, um tempo depois de ter seu desejo realizado deu-se alta e rumou para outros gestos na vida.

Pode-se falar também dos habitantes da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro e selecionar alguns dos mais de 200 mil trabalhos contidos nos arquivos do que hoje é o Museu Estadual Oficina de Criatividade. Selecionar uma vida das que passaram por esse espaço de clausura. Poderia ficar falando dessas vidas, ou de tantas outras que nossos olhares atravessam no cotidiano da educação e da saúde.

Interessa-nos aqui tecer um fio sobre uma vida, sobre a vida de um homem bravo; violento; inquieto; que não se enquadra na normalidade. Um homem louco, esquizofrênico. Negro. Falamos aqui de Bispo do Rosário. Foi internado em 1939 na Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro, um dos maiores manicômios brasileiros. Esse espaço funcionou de 1924 tendo seu fechamento definitivo em outubro de 2022, sendo concluído o processo de desinstitucionalização de pacientes psiquiátricos, marco da luta antimanicomial e contra o estigma da loucura. Ao longo de vários anos foi realizada uma transição, em vários hospitais psiquiátricos, realizando uma passagem dos usuários para o convívio social, retornando para suas famílias, morando sozinhos ou em residenciais terapêuticos.

O Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre/RS, foi criado em junho de 1874 e somente em março de 2023 teve seu processo de desinstitucionalização concluído, sendo os últimos moradores encaminhados para um residencial terapêutico. A Reforma Psiquiátrica no Brasil tem uma luta antiga contra as práticas manicomiais e por uma sociedade sem manicômios. Fomenta-se nos anos 60/70 a partir da Reforma Psiquiátrica Italiana, que tem como um dos proponentes Franco Basaglia. No processo de luta pela democracia e redemocratização e pela saúde como direito, em 1978-1979 ocorreram no Brasil diversas discussões sobre as péssimas condições dos hospitais psiquiátricos no Brasil. Em 1984 acontece o marco na saúde pública do Brasil, a 8ª Conferência Nacional de Saúde que é a carta magna da criação do Sistema Único de Saúde. Uns anos depois vem ao Brasil Franco Rotelli, italiano que substituiu os serviços de saúde mental, depois da saída de Basaglia. Em 1987 foi criado o Movimento Antimanicomial e em 1989 apresentado o projeto de reforma psiquiátrica no Brasil por Paulo Delgado, sendo aprovado só depois de 12 anos de tramitação, em 2001. No Brasil um dos nomes importantes desse movimento antimanicomial é Paulo Amarante. Outra vida que foi importante para o campo da saúde mental, foi a psiquiatra Nise da Silveira, com gestos de pensar e construir outras maneiras de viver a vida.

Essa breve história se faz importante para pensarmos que os movimentos que pensam práticas diferentes, como o de uma sociedade sem manicômios e os pela inclusão, são pautas

recentes no cenário brasileiro, tanto no campo da saúde como da educação. São linhas que se tecem em um grande emaranhado de uma cultura de exclusão e segregação.

Bispo do Rosário ficou cerca de cinquenta anos internado na Colônia Juliano Moreira após um surto psicótico no qual afirmava ser Jesus Cristo, ocorrido na véspera de natal de 1938. Ele teria vagado pela cidade durante três dias, indo de igreja em igreja, de porta em porta anunciando-se. Foi parar no Mosteiro de São Bento onde falou com um grupo de monges que era um enviado de Deus encarregado de julgar os vivos e os mortos. Foi detido e preso como um homem negro sem documentos e indigente sendo levado para o Hospício Pedro II (instituição onde foi internado Lima Barreto) e posteriormente, um mês depois, para a Colônia Juliano Moreira recebendo um diagnóstico de "esquizofênico-paranoico", onde veio a falecer, cinquenta anos depois, em 1989.

O que mais interessa na subjetividade de Bispo do Rosário é que o mesmo negava tratamentos e não participava das atividades terapêuticas oferecidas na Colônia Juliano Moreira. Mantinha para si sua singularidade, sua vida. Não raspava o cabelo e nem usava uniforme, esse era desmontado para montar suas obras. Tecia sua própria linha de vida. A obra de Bispo do Rosário é um grande inventário, endereçado ao apocalipse e a um outro mundo. Bispo tinha uma missão: salvar o mundo. Ele tinha a missão de apresentar o mundo, de recriar o universo à espera do Juízo Final.

Que mundo Bispo queria apresentar, como diria os povos guaranis, *Yvy marã e'ỹ*, ou seja uma terra sem males. Bispo tinha como matéria para construir sua obra os fios azuis, desfiados dos uniformes dos internos da Colônia Juliano Moreira, bordando as suas imagens e palavras. Decidiu, por conta própria, trancar-se durante vários anos, ao total foram sete, em uma cela sozinho onde com agulha e linha ia bordando e escrevendo suas artes, seu manto, seus estandartes, seus fragmentos de vida. A cor predominante de suas obras é o azul, que desfiava dos uniformes dos internos e objetos que recolhia, como um trapeiro, como um colecionador como pedaços de madeira, arame, copos, fios de varal, garrafas, chinelos, colheres, garfos, etc. Tudo o que ele encontrava transformava-se em um gesto poético e artístico.

Nesse universo de Bispo, mais de 800 peças foram produzidas e que hoje encontram-se no acervo do Museu Bispo do Rosário no Rio de Janeiro. Se faz interessante pensar nesse movimento de bordar a palavra e a imagem aproximando do que Didi-Huberman (2019, p.31-32) fala, em seu ensaio chamado "Sobre o fio" quando ele diz que:

O fio é algo muito simples: apenas uma linha no espaço. Mas é também algo muito complexo: um novelo, um emaranhado. O fio sustenta a estrutura (teia de aranha,

cordame, rede de ligaduras), mas pode também se desfiar e, de repente, se romper. Ele se junta (fiação, malha) ou se alinhava (laços, franja, trança). Ele traça um destino (as Parcas), nos aprisiona (amarras, laços) ou se divide em quatro (racionalizações, argúcias, subterfúgios). Guia-nos para o melhor (Ariadne, curso d'água) ou nos extravia para o pior (cipós, cardos). O fio liga, encadeia e dá curso. Ou, ao contrário, corta, afia, amola e faz romper. O fio está sempre por um fio.

Pensar no nosso cotidiano, no que nos cerca, no que nos inquieta é produzir um gesto de investigação, que faça esse fio, essa linha se tencionar de quando em quando. Eva Marxen e Luis Gutiérrez (2022) nos chamam a atenção, para esse movimento de tecitura que provoca: "se ha dejado de pensar el uso del arte como una herramienta, sino como una vivencia de construcción de la subjetividad que permite una auténtica experiencia de construcción de la realidad con la implicación activa y crítica por parte del investigador en sus proyectos". Bispo, de certa forma, ao pensar sua apresentação para Deus, realiza uma construção de sua subjetividade que utiliza a arte como vivência que constroi a sua realidade.

Esses autores, Eva e Luiz (2022), nos apresentam duas formas de pensar a pesquisa em educação e saúde, partindo dos dispositivos artísticos, que se situam em uma encruzilhada entre o saber e o poder, mas que abre possibilidades de novas formas singulares de ver, pensar, sentir e habitar o mundo. Já os dispositivos poéticos funcionam como um modo de montar o texto de forma a permitir outras possibilidades e tipos de narrativas.

Lapoujade por sua vez, ao pensar com Etienne Souriau, aproxima-se do que citamos acima na entrevista com Foucault, sobre investigar a nossa realidade e nosso cotidiano. Souriau vai dizer que “o recurso oferecido é estudar o problema” (2017, p.86). No livro "Diferentes modos de existência", diz que “a existência são todas as existências; é cada modo de existir. Em todos, em cada um individualmente, a existência reside integralmente e se realiza”; “cada modo é por si só uma arte de existir” (2021, p. 111) .

Podemos pensar então que todos existem, mas cada um ao seu modo, ou melhor, à sua maneira. Dado que “modo pensa a existência a partir dos limites ou da medida dos seres (...) enquanto que maneira pensa a existência a partir do gesto, da forma tomada pelos seres quando aparecem” (Lapoujade, 2017, p.15). Existimos, todas e todos, cada um à sua maneira, construindo e constituindo diferentes maneiras de ser e de viver a vida. Pensar isso é dizer de uma arte de existir, ou das artes de existir. Ou seja, cada um, cada uma existe à sua maneira, conforme seus gestos singulares.

Contudo: como pensar as maneiras de existir de cada um e cada uma que acompanhamos? Como observar e dar conta, pedagogicamente, da pluralidade dos modos e maneiras de existência de uma sala de aula? Falando das existências, Lapoujade (2017, p.24-25) vai nos perguntar: como tornar mais real aquilo que existe? Poderíamos nos perguntar,

como tornar real as políticas de inclusão que já existem? O que resta a um ser quando seu modo de existência, sua maneira de existir é contestada? Através de que ‘gestos’ instauradores as existências conseguem se ‘colocar’ legitimamente? Como pensar a questão da saúde, e da saúde mental, no campo da educação e na sala de aula? Como pensar as vidas, as existências mínimas, e suas montagens no campo da educação e da saúde? Como perceber a vida como uma arte da existência nos cotidianos em que vivemos e atravessamos? Falar sobre as práticas e os gestos que nos medicalizam e nos patologizam é falar desse nosso cotidiano. É nos perguntarmos sobre a vida no contemporâneo, sobre tudo o que nos atravessa diariamente - as imagens e as palavras -, os discursos da medicalização. Esse discurso está presente todos os dias.

A medicalização da vida é a paisagem de fundo, é o pôr do sol, faz-se presente de muitas maneiras diferentes nos cotidianos, não está apenas na intervenção médica diretiva nas subjetividades, mas ganha outras formas no contemporâneo. Está nos modos de vida que passam despercebidos, na forma de falar, de operar a política, na forma de escrever, no que se judicializa, farmacolariza, escolariza, academiza, está enraizada nos modos de viver. Está na produção de perigos e nos medos advindos, que impedem os encontros. Está na construção do espaço público, no controle do que se come, do que se bebe, enfim, que subjetiva a ponto de modificar a vida, criando nomes e palavras, hiper-otimizando a produção de eus, modificando as potências.

Fala-se de medicalização, de patologização, de farmacologização, de judicialização, de despotencialização de uma vida (ou de cada uma das vidas). Essas imagens de representação de mundo indicam, em seus fragmentos, a ideia da captura de existências. Esta pode ser pensada como o que esgota, despotencializa e domina a vida. Como um dispositivo que se legitimou como fenômeno coletivo, uma biopolítica (Foucault, 2008), que opera como analisador de um processo em disputa pela existência de um dado modo de vida e do que movimenta a produção dos eus no contemporâneo.

Este tema carrega consigo uma complexidade, pois não se fala, aqui, da medicalização ligada ao uso estrito de medicamentos, controlados ou não, ou de um recorte específico, como a medicalização de crianças e adolescentes na escola ou o uso de fármacos em adultos a partir de diagnósticos como a depressão. Fala-se aqui da medicalização como um dispositivo, como um governo das vidas, uma biopolítica. A medicalização da vida é uma força invisível que exerce poder sobre os corpos, individuais e coletivos, causando-lhes sensações que despotencializam os modos de viver.

O que podemos nos perguntar é o que pode a educação, a arte e a saúde frente a essa temática. O que podemos responder, quem sabe com a ajuda de Bispo do Rosário, é que a educação e a saúde podem romper, furar, criar brechas no que despotencializa a vida ao pensar na arte como um dispositivo não medicalizante, mas, sim, como um gesto poético e político de outras singularidades.

Referências Bibliográficas:

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobre o fio**. Trad. Fernando Scheibe. Desterro: Cultura e Barbárie, 2019.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. Edição estabelecida por Michel Semellart, sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

MARXEN, Eva; GONZALEZ GUTIERREZ, Luis Felipe. O alcance dos dispositivos artísticos e poéticos na pesquisa em saúde e saúde mental. **Enfermería** (Montevideo) [online]. 2022, vol.11, n.2, e2939. Epub 01-Dic-2022. ISSN 1688-8375. <https://doi.org/10.22235/ech.v11i2.2939>.

SOURIAU, Etienne. **Diferentes modos de existência**. Trad. Walter Romero Menon Júnior. São Paulo: N-1 Edições, 2021.